

OSMAN, S. A. *Imigração árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos*. São Paulo: Xamã, 2011, ISBN 978-85-7587-104-1. 215 p.

*Isabella Caroline Sotocorno*¹

O prazer de ouvir histórias, principalmente aquelas contadas por quem as viveu. Assim é iniciada a obra que adentra o universo da imigração árabe no Brasil, no entrelaçamento de histórias vivas que relatam um processo de adaptação e preservação, em um movimento duplo de batalhar por condições de vida diferentes, mas não perder uma estrutura cultural amplamente significativa. A história oral foi escolhida para documentar e dar voz a grupos pouco visíveis, da comunidade árabe muçulmana e cristã, destacando motivos e consequências da vinda ao Brasil, bem como os contextos e vivências em cada um dos países imersos em tais histórias.

O divisor temático, a princípio, foi a religião. Metodologicamente, a autora investiga tanto o grupo imigrante quanto sua descendência, a partir da organização de duas redes (Imigrantes Árabes Muçulmanos e Imigrantes Árabes Cristãos), em que cada entrevistado indicaria um próximo, tanto de sua geração quanto da seguinte. O resultado destacou a família como uma questão básica, mostrando que as indicações familiares tinham motivo: o cruzamento e a complementação das diferentes histórias. Se a partida para um país desconhecido pela primeira geração era uma verdadeira jornada, a família desempenhou papel essencial no desencadeamento e no acolhimento dessa jornada. Havia tanto um incentivo por parte de quem havia imigrado anteriormente, trazendo a ilusão da riqueza facilmente alcançada, quanto um suporte para os que imigravam depois, no que tange ao recebimento no país de inserção, bem como o ensino da nova língua e o apoio para o início de um trabalho.

Um dos entrevistados descreve que quem conhece a história de um imigrante árabe, conhece a de todos. De fato, é possível observar diversas semelhanças entre as narrativas selecionadas, adentrando histórias de trabalho, família, escola, costumes e gêneros, que, ainda que diversas e particulares, unem-se por determinados objetivos e obstáculos do percurso.

A ilusão da vida melhor, o estereótipo do árabe, a vontade de trabalhar, a ajuda à família, o peso e a honra dos costumes, o casamento dentro da comunidade,

¹ Graduanda em Psicologia, FFCLRP – USP. Pesquisadora do GRACIAS – Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes.

são alguns dos relatos que se repetem e entrelaçam nas narrativas. Sua leitura proporciona um mergulho apaixonado e intenso em histórias reais descritas por seus próprios personagens e autores.

Depara-se com a intenção da imigração provisória para o crescimento econômico, bem como a conseqüente iniciação no trabalho de mascateagem, permitindo o desejado e esforçadamente conquistado acúmulo de capital. Nesse processo, a importância da comunidade árabe já estabelecida faz-se presente através da contribuição mútua, com o fornecimento das mercadorias de que as duas partes necessitavam.

Ainda na questão da comunidade, fortemente se apresentam os relatos do desejo de manter as tradições e costumes do país de origem a partir da convivência com os referidos patrícios. O lazer abrangia principalmente os encontros entre si, seja nas casas ou clubes fundados, seja nas festas e eventos religiosos; o casamento, ainda, amplamente incentivado entre os de mesma origem, chegava a ser uma decepção ou problemático em casos contrários. A lógica do funcionamento conjunto é verificada na tentativa de manutenção de uma estrutura familiar que preservasse as origens.

Referindo-se a tais questões, é possível perceber linhas básicas dizendo respeito à primeira e segunda gerações, respectivamente. Se uma lutou por construir um patrimônio, adaptando-se a uma nova situação e tentando preservar o que fora trazido, transmitindo valores e tradições aos seus descendentes, a outra sentiu diretamente os efeitos de tais tentativas. A rigidez e a disciplina na educação fazem peso na convivência com os não árabes, seja por uma cristalização de costumes aprendidos na terra natal, seja pelo desejo do casamento na comunidade. A língua árabe, e seu uso como primeira ou segunda língua, apresenta-se como mais um fator que demarca uma preservação que se transforma à medida que passam também as gerações. Outros fatores são, ainda, apresentados, demonstrando a transmissão da origem que se mantém, porém se torna mais flexível e adaptativa com o tempo.

Na questão de gênero, a obra permite visualizar o papel primordial do homem no processo de imigração. Responsável pelo sustento da casa e dos filhos, proveniente de um trabalho, muitas vezes, árduo, busca a imigração como alternativa à melhora já não possível nas condições de seu país. O feminino se apresenta com papel secundário, mas não menos importante, nesse processo: acompanha e complementa o trabalho masculino, mas tem espaço essencial na criação do lar e dos filhos. Com tais papéis sociais, verifica-se o desejo feminino de, muitas vezes, permanecer no país de origem ou retornar a ele.

A educação passa por visível transformação dos libaneses imigrantes a seus filhos. Se a realidade dos que saíam de seu país era a de estudar pouco, ou nada, para contribuir com o trabalho e o sustento da família, essas mesmas pessoas

tendiam a realizar em seus filhos os desejos de ascensão social provendo-lhe estudos e o exercer de profissões liberais. Novamente na perspectiva de gênero, tais estudos e sua continuidade eram mais incentivados no caso masculino, não sendo necessariamente impedidos em relação às filhas, mas, em geral, mais restritos a futuras ocupações específicas, próprias aos papéis sociais mencionados.

A religião, por fim, divisor temático do início da pesquisa da autora, diferencia-se em seus grupos. No caso dos cristãos ortodoxos, nota-se a reestruturação e adaptação ao novo local, visto que o catolicismo apresentava-se mais como semelhante a determinados aspectos da religião original do que propriamente como divisor. Para os muçulmanos, ao contrário, a diferença era muito mais profunda, o que levou inclusive à identificação das origens árabes às origens muçulmanas, tidas como preservação. Independente de qual das duas religiões era seguida, o fator religioso mostrou-se condutor de modos de viver e deparar-se com a imigração, tendo, entretanto, se tornado mais sutil e referente a práticas.

Esses e outros temas aparecem no livro de Osman de maneira detalhada, vistos em relatos práticos e interessantes. Com prefácio de José Carlos Meihy, professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo, organização das narrativas e análise dos resultados por parte da autora, a obra permite entrar de maneira real e vívida nas histórias da imigração. Faz-se possível entender seus contextos e entrelaçamentos tanto através de um olhar acadêmico a grupos relativamente pouco estudados, ao se comparar com a imigração advinda de outros lugares, quanto do ponto de vista do leitor que pode se deliciar com o prazer de ouvir as histórias contadas com o gosto de seus autores.

Recebido: 1/2/2013

Aprovado: 14/3/2013